



IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

“Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657



O CONHECIMENTO COTIDIANO EM FOCO: ALGUMAS REFLEXÕES

JESSICA CRAVO SANTOS

EIXO: 19. EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

O CONHECIMENTO COTIDIANO EM FOCO: ALGUMAS REFLEXÕES

RESUMO

Neste artigo são apresentadas algumas reflexões acerca do conhecimento cotidiano na vida cotidiana, sento esta a vida do homem inteiro, a vida de todo homem. Tais reflexões, tiveram fundamentação teórica em autores como: Lopes (1999), Heller (2004), Patto (1993) e Martins (1998), por tratarem da vida cotidiana, do conhecimento cotidiano, ou de suas formas: a cotidianidade, o senso comum e o saber popular. Empregando o método analítico sobre fontes bibliográficas, buscou-se compreender como o conhecimento cotidiano se apresenta na vida cotidiana, já que este conhecimento configura-se como um dos saberes em relação aos quais o conhecimento escolar se constitui, como bem pontua Lopes (1999). Com base nos dados aqui analisados, é possível destacar que o conhecimento cotidiano, caracteriza-se pela opinião e empirismo imediato, compondo a cotidianidade pela automatização de nossas ações. O senso comum e o saber popular são outras formas de conhecimento cotidiano. Enquanto o primeiro aponta para a universalidade e a uniformidade, o segundo se remete a especificidade e a diversidade.

Palavras-chave: Conhecimento Cotidiano. Vida Cotidiana. Cotidianidade. Senso Comum. Saber Popular.

ABSTRACT

This paper presents some reflections on the everyday knowledge in everyday life, this life I sit the whole man, the life of every eat. Such reflections, had theoretical foundation on authors such as: Lopes (1999), Heller (2004), Patto (1993) and Martins (1998) for addressing the everyday life of everyday knowledge, or of its forms: the everyday life, the sense common and popular knowledge. Using the analytical method of bibliographic sources in order to understand how everyday knowledge is presented in everyday life, since this knowledge is characterized as one of the knowledge on which school knowledge is constituted, as well as scores Lopes (1999). Based on the data analyzed here, it is possible to highlight the everyday knowledge, characterized by the opinion and immediate empiricism, writing by automating the everydayness of our actions. Common sense and popular knowledge are other forms of everyday knowledge. While the first points to the universality and uniformity, the second is referred to specificity and diversity.

Keywords: Everyday knowledge. Everyday Life. Everydayness. Common Sense. People know.

INTRODUÇÃO

“O valor de todo o conhecimento está no seu vínculo com as nossas necessidades, aspirações e ações; de outra forma, o conhecimento torna-se um simples lastro de memória, capaz apenas - como um navio que navega com demasiado peso - de diminuir a oscilação da vida quotidiana”.

(V. O. Kliutchevski)

O presente estudo teórico, sobre o conhecimento cotidiano, propõe reflexões acerca do conhecimento cotidiano presente na vida cotidiana, tendo a cotidianidade, o senso comum e o saber popular, como formas distintas e constitutivas deste conhecimento.

Considerando ser o conhecimento cotidiano um dos saberes em relação aos quais o conhecimento escolar se constitui, foram analisados alguns dos trabalhos mais referenciados no âmbito educacional, que tratam sobre esses temas, o que nos permite destacar, ter esta pesquisa, cunho bibliográfico.

De acordo com Severino (2002), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente, cuja vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Assim, nossa maior intenção era compreender como o conhecimento cotidiano, apresenta-se na vida cotidiana, a partir de suas formas: a cotidianidade, o senso comum e o saber popular e quais as suas implicações.

Entendendo ser a vida cotidiana, a vida de todo homem, pois, todos a vivemos, sem nenhuma exceção, qualquer que seja nosso posto na divisão social do trabalho intelectual e físico. (Heller, 2004).

ALGUMAS REFLEXÕES

De acordo com Lopes (1999), o conhecimento cotidiano, como todos os demais saberes, faz parte da cultura e é construído pelos homens das gerações adultas, que o transmitem às gerações sucessivas, e dessa maneira, a escola é um dos canais institucionais dessa transmissão, por ter papel preponderante na constituição desse conhecimento, através de interações contínuas que permitem a elaboração de um *habitus* comum a todos os indivíduos.

Conseqüentemente, o conhecimento cotidiano é afirmado e negado pelo conhecimento escolar, pois, segundo a autora, o conhecimento escolar “trabalha contra ele e é sua própria constituição” (LOPES, 1999, p. 137).

Destaca ainda, que entre os pesquisadores em Currículo e Didática, ora o conhecimento cotidiano é entendido como um conhecimento a ser suplantado pelo conhecimento científico, o que faz desse, o conhecimento a ser valorizado na escola; ora o conhecimento cotidiano das classes populares é situado como eixo central do processo de ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar, que cotidianidade, senso comum e saber popular, são formas, distintas, de conhecimento cotidiano, discutidas posteriormente, assim, utilizamos o termo conhecimento cotidiano, quando desejamos salientar seu caráter pragmático, sua relação com a vida diária de cada um de nós.

A Cotidianidade da Vida Cotidiana

Na vida cotidiana, nós, homens e mulheres, organizamos nossas ações e as repetimos diversas vezes ao longo do tempo. Tais ações, acabam por se tornarem automatizadas irrefletidamente, e dessa forma compomos nossa cotidianidade.

Na cotidianidade, o modo de viver é instintivo, não original. É um mundo de familiaridade e ações banais, não no sentido pejorativo, mas na absoluta necessidade de ser banal, em função da espontaneidade característica de nossas ações diárias (LOPES, 1999).

Para Heller (2004), a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*, ou seja, do homem que na cotidianidade coloca todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, colocando em funcionamento todos os seus sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Assim, “o homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguça-los em toda sua intensidade” (HELLER, 2004, p. 17-18). Ou seja, ao mesmo tempo em que somos inteiros, nossas potencialidades não se desenvolvem efetivamente, pois, o desenvolvimento de uma potencialidade, seu ápice, é que nos faz romper com a cotidianidade.

Nesse sentido, em acordo com a autora, é possível dizer que o indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Particularidade esta, expressa não apenas no seu ser *isolado*, mas também no seu ser *individual*, em que o único e irredutível são fatos ontológicos fundamentais, que caracterizam essa particularidade social (ou socialmente mediatizada), que tem como dinâmica básica, a satisfação das necessidades humanas, ou melhor, das necessidades do *Eu*. Também o homem, enquanto indivíduo, é um ser genérico, pois é produto e expressão de suas relações sociais,

herdeiro e preservador do desenvolvimento humano, presente em toda atividade que tenha caráter genérico, embora com motivos particulares.

Segundo Lopes (1999),

A extensão e a proporção entre o particular e o genérico variam de indivíduo para indivíduo, em função das relações sociais, das quais é parte integrante e atuante. Ainda que nasçamos assumindo como dadas e imutáveis as funções da vida cotidiana, uma imensa motivação pela atividade humano-genérica pode levar uma particularidade ao nível de genericidade. Por outro lado, ainda que nos concentremos totalmente em uma única questão e utilizemos toda nossa potencialidade individual na execução dessa questão, descartando todo o mais, não abandonamos a cotidianidade. Em algum momento não produtivo retornaremos a ela, inclusive como em estado de repouso da constante tensão do processo de afastamento da cotidianidade (LOPES, 1999, p.140).

Diante do exposto, nota-se que nunca abdicamos a cotidianidade, porém nos afastamos dela. Sobre esse processo de afastamento da cotidianidade, Heller (2004) chama de suspensão ou elevação. Tal processo se dá quando um projeto, um trabalho, uma obra, um ideal, uma paixão, permitem a concentração de uma potencialidade e o consequente desenvolvimento da essência humana, em que o homem deixa de ser o meramente singular e passa a desenvolver sua atividade humano-genérica[1].

Dito de outro modo, “é a passagem do homem inteiro (muda relação de sua particularidade e genericidade) para o inteiramente homem (unidade consciente do particular e do genérico)” (CARVALHO, 1994 *apud* LOPES, 1999, p. 140-141).

Com relação ao conhecimento cotidiano, destaca Lopes (1999) ser este, a soma de nossos conhecimentos sobre a realidade que utilizamos de um modo efetivo na vida cotidiana, sempre de modo heterogêneo, mas, que trata-se de um conhecimento essencialmente pragmático, cujo caráter de validade na esfera cotidiana é sua funcionalidade.

Assim, o conhecimento cotidiano não é estático, porém a forma como se processa a incorporação de conceitos científicos pela esfera da cotidianidade não é tão simples quanto pode parecer à primeira vista, pois, a linguagem cotidiana não dá conta de expressar outras realidades, que não na realidade da vida cotidiana.

Para a autora, a base do saber cotidiano, o que sustenta seu pragmatismo e funcionalidade, é o realismo e o empirismo, consideradas filosofias incapazes de compreender a realidade em seu caráter complexo e múltiplo, justamente porque se detêm no aparente, no evidente e no imediato ou como afirma Kosik (1986 *apud* Lopes, 1999), na *pseudoconcreticidade*[2].

Outras características da vida cotidiana são apontadas por Heller (2004), como por exemplo, a espontaneidade, considerada a característica dominante da vida cotidiana. É evidente que nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível, assim como tão pouco uma mesma atividade apresenta-se como identicamente espontânea em situações diversas, nos diversos estágios de aprendizado, mas, em todos os casos, a espontaneidade é a tendência de toda e qualquer forma de atividade cotidiana. A espontaneidade caracteriza tanto as motivações particulares (e as formas particulares de atividade) quanto as atividades humano-genéricas que nela têm lugar.

O pensamento cotidiano orienta-se para a realização de atividades cotidianas e, dessa maneira, é possível falar de unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade. Para Heller (2004), “as ideias necessárias à cotidianidade jamais se elevam ao plano da teoria, do mesmo modo como a atividade cotidiana não é práxis” (HELLER, 2004, p. 32).

Conforme a autora, a atividade prática do indivíduo só se eleva ao nível da práxis quando é atividade humano-genérica consciente, na unidade viva e muda de particularidade e genericidade. A unidade imediata de pensamento e ação implica na inexistência da diferença entre o *correto* e o *verdadeiro* na cotidianidade, ou seja, o correto também é verdadeiro e a atitude da vida cotidiana é absolutamente pragmática. Em síntese, a atitude da vida cotidiana é pragmática, caracterizando-se por um economicismo.

Nessa perspectiva, aponta Lopes (1999) que até mesmo os juízos e pensamentos objetivamente menos verdadeiros podem tornar-se corretos na atividade social, quando representarem os interesses da camada ou classe a que pertence o indivíduo e, desse modo, facilitarem a este, a orientação ou ação correspondente às exigências cotidianas da classe ou camada em questão.

Talvez por conta disso, a fé e a confiança desempenhem na vida cotidiana um papel muito mais importante que nas demais esferas da vida. Pois, “esses dois sentimentos ocupam mais espaço na cotidianidade, que sua função mediadora torna-se necessária em maior número de situações” (HELLER, 2004, p. 33).

Porém, vale lembrar, que a confiança é um afeto do indivíduo inteiro, logo, mais acessível à experiência, à moral e à teoria do que a fé, que se enraíza sempre no individual-particular. Assim, tendo em vista que o pensamento cotidiano é pragmático, é possível afirmar que cada uma de nossas atividades cotidianas faz-se acompanhar por uma certa fé ou

uma certa confiança.

O característico do pensamento cotidiano é a ultrageneralização, seja em suas formas tradicionais, seja como consequência da experiência individual. Os juízos ultrageneralizadores são, todos eles, juízos provisórios que a prática confirma, ou pelo menos, não refuta durante o tempo em que, baseados neles, somos capazes de atuar e de nos orientar. Os juízos provisórios se enraizam na cotidianidade, e por isso, se baseiam na fé, são preconceituosos. Já as analogias, por meio das quais funciona, principalmente, o nosso conhecimento cotidiano, implica ser o juízo provisório analógico, inevitável no conhecimento cotidiano dos homens, mas, que está exposto ao perigo da cristalização.

Outra característica da vida cotidiana é a imitação. Como diz Heller (2004), “não há vida cotidiana sem imitação”. Jamais procedemos meramente segundo preceitos, mas imitamos os outros, sem mimese, nem o trabalho nem o intercâmbio seriam possíveis, mas, em vários momentos o problema consiste em saber se somos capazes de uma individualização, isto é, de escapar à mimese.

Segundo Heller (2004), se as características da vida cotidiana[3], aqui explícitas, se absolutizam, deparamo-nos diante da alienação da vida cotidiana[4], pois, a alienação é sempre alienação em face de alguma coisa e, mais precisamente, em face das possibilidades concretas de desenvolvimento genérico da humanidade.

Cabe ressaltar, que de todas as esferas da realidade, a vida cotidiana é aquela que mais se presta à alienação, onde por causa da coexistência muda de particularidade e genericidade, a atividade pode ser atividade humano-genérica não consciente, embora em suas motivações sejam efêmeras e particulares. Mas, a estrutura da vida cotidiana, embora constitua indiscutivelmente um terreno propício à alienação, não é de nenhum modo necessariamente alienada.

Portanto, todo homem pode ser completo, inclusive na cotidianidade, desde que se aproprie da realidade, e nela, imponha a marca da sua personalidade, conduza sua vida. Pois,

A condução da vida não pode se converter em possibilidade social universal, a não ser quando for abolida e superada a alienação, o que não ocorre pela via da consciência, mas pela mudança das relações de produção. Mas não é impossível empenhar-se na condução da vida, mesmo enquanto condições gerais econômico-sociais ainda favorecem a alienação. (LOPES, 1999, p. 147).

Dessa maneira, a ordenação da cotidianidade configura-se como um fenômeno não cotidiano, uma ação moral e política.

O Senso Comum, o Saber Popular e a Vida Cotidiana

De acordo com Lopes (1999), o termo senso/conhecimento comum, utilizado para reforçar o caráter homogêneo do conhecimento de nossas vidas cotidianas, ou sua capacidade de se fazer universal, é definido como forma de expressão do saber popular, maneira de conceber e interpretar o mundo pelas camadas populares. E ainda, argumenta que o senso comum, a intuição popular e o discurso da vida de todos os dias dão suficiente conta do não lógico operante em nossas sociedades.

O senso comum possui caráter transclassista, o que faz tender a um grau de universalidade, isto é, suas concepções permeiam diferentes classes e grupos sociais, mantendo-se resistentes a mudanças. Assim, precisamos manter os saberes cotidianos nos limites possíveis de sua atuação, evitando a tendência de universalização de suas concepções, baseadas na experiência, na repetição, na naturalização dos fenômenos sociais e na familiaridade fetichizada.

Destaca Martins (1998), que o senso comum tem sido para a interpretação acadêmica: “ou apenas o conhecimento com que o homem comum defini a vida cotidiana, dando-lhe realidade, (...) ou apenas o conhecimento alienado da falsa consciência que separa o trabalhador do mundo que ele cria” (MARTINS, 1998, p. 3).

Para o autor, o senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento, mas porque é conhecimento partilhado entre os sujeitos da relação social, num complexo movimento vai-e-vem de imaginação, interpretação, reformulação, reinterpretação, e assim sucessivamente.

Com relação aos saberes populares, é possível afirmar, em acordo com Lopes (1999), que estes são frutos da produção de significados das camadas populares da sociedade, ou seja, as classes dominadas do ponto de vista econômico e cultural. Dessa maneira, as práticas sociais cotidianas, a necessidade de desenvolver mecanismos de luta pela sobrevivência e os processos de resistência, constituem um conjunto de práticas formadoras de diferentes saberes.

E, tendo em vista que os saberes populares são saberes produzidos a partir de práticas sociais de grupos específicos, eles podem ser considerados um saber cotidiano do ponto de vista desse pequeno grupo, mas não são cotidianos do ponto de vista da sociedade como um todo, como ocorre com o senso comum.

De modo geral, os saberes populares não são um conhecimento necessário para que grupos específicos se orientem no

mundo, ajam, sobrevivam, se comuniquem, o que constitui um senso comum geral, porém, são conhecimentos necessários pra que esse dado grupo viva melhor.

Outra característica dos saberes populares é que são “colocados à margem das instituições formais, fruto da situação de classe de quem os produz”, e além disso, são organizados por “microinstituições dispersas e distantes dos saberes que têm seu estatuto de cientificidade garantido pelos mecanismos de poder da sociedade”. (LOPES, 1999, p. 152).

Conforme Lopes (1999), enquanto o senso comum aponta para a universalidade e para a uniformidade, os saberes populares apontam para a especificidade e para a diversidade. Mas, apesar disto, o senso comum não nos permite afirmar ser única a sua existência. Como destaca Gramsci:

O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o ‘folclore’ da filosofia e, como folclore, apresenta-se em inumeráveis formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, adequada à posição social e cultural das multidões, das quais ele é filosofia. Quando na história se elabora um grupo social homogêneo, elabora-se também, contra o senso comum, uma filosofia homogênea, isto é, coerente e sistemática. (GRAMSCI, 1978 *apud* LOPES, 1999, p. 151).

Assim, podemos ter, ao mesmo tempo, em diferentes lugares, mais de um senso comum, porém, a tendência à universalidade permanece. Primeiro, porque o senso comum é a filosofia que atende às massas, uniformizando-as. Segundo, porque a própria interpretação do mundo gerada pelo senso comum é universalizante: tende a ser visto como uma filosofia totalizante, no sentido de uma totalidade fechada, capaz de dar respostas a todas as questões cotidianas, não se autoquestiona.

CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto, pode-se destacar que o presente estudo, tendo por objetivo compreender como o conhecimento cotidiano, apresenta-se na vida cotidiana, a partir de suas formas: a cotidianidade, o senso comum e o saber popular e quais as suas implicações, nos permite dizer, que o conhecimento cotidiano, caracterizado pela opinião e empirismo imediato, constitui-se pelos homens das gerações adultas, transmitindo-o a gerações sucessivas em grande medida, pela escola.

O conhecimento cotidiano compõe a cotidianidade quando automatizamos nossas ações, vista como mundo de familiaridade e ações banais, cujo modo de viver é instintivo e não original, e rompida pelo ápice de uma potencialidade. A espontaneidade, imitação e alienação são características marcantes da vida cotidiana, e bem sintetizadas Patto (1993) ao dizer que toda vida cotidiana é heterogênea e hierárquica (quanto ao conteúdo e à importância atribuída às atividades), espontânea (no sentido de que nela, as ações se dão automática e irrefletidamente), econômica (uma vez que o pensamento e a ação manifestam-se e funcionam somente quando indispensáveis à continuação da cotidianidade, portanto as ideias necessárias à cotidianidade jamais se elevam ao nível da teoria, assim como a ação cotidiana não é práxis), baseia-se em juízos provisórios, é probabilística e recorre a ultrageneralização e à imitação.

Por último, com relação ao senso comum e ao saber popular, podemos frisar que o primeiro, define-se pela maneira de conceber e interpretar o mundo, em grande medida, pelas camadas populares, é misoneísta e conservador, e está relacionado a intuição popular e ao discurso da vida diária, tendendo a um caráter transclassista, a universalidade, a uniformidade, a homogeneização e a resistência a mudanças, enquanto o segundo, pode ser considerado como um saber cotidiano para um grupo específico, mas não cotidiano a sociedade como um todo, pois, apesar de fruto da produção de significados, apontam a especificidade e a diversidade.

REFERÊNCIAS

- HELLER, A. Estrutura da vida cotidiana. In HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2004.
- LOPES, A. C. Saberes em relação aos quais o conhecimento escolar se constitui: conhecimento científico; conhecimento cotidiano. In: LOPES, A. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social**; Revista de Sociologia. v. 10, n. 1, p. 1-8. São Paulo: USP, 1998.
- PATTO, M. H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas**. n. 16, p.119-141. SP: São Paulo, 1993.

- SEVERINO, J. A. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

[1] Essa superação dialética parcial ou total da particularidade, para a decolagem da cotidianidade e sua elevação ao humano-genérico é denominada por homogeneização. Isto é, significa por um lado, que concentramos toda nossa atenção sobre uma única questão e suspendemos qualquer outra atividade durante a execução desta tarefa, e por outro, que empregamos nossa inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa. (HELLER, 2004).

[2] Para Kosik (1986), “o complexo de fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera da vida humana, que, com a regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade”. (KOSIK, 1986 *apud* LOPES, 1999, p. 145).

[3] Com base em Lopes (1999), além das características aqui apresentadas, tomando como referência Agnes Heller, existem as características gramscianas do conhecimento popular, como a ambiguidade, fragmentariedade, heterogeneidade, acriticidade, imediaticidade e dogmaticidade, que apresentam um paralelo com as, neste texto, analisadas.

[4] Consideramos existir alienação “quando ocorre um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção” (HELLER, 2004, p. 38).

INTRODUÇÃO

“O valor de todo o conhecimento está no seu vínculo com as nossas necessidades, aspirações e ações; de outra forma, o conhecimento torna-se um simples lastro de memória, capaz apenas - como um navio que navega com demasiado peso - de diminuir a oscilação da vida quotidiana”.

(V. O. Kliutchevski)

O presente estudo teórico, sobre o conhecimento cotidiano, propõe reflexões acerca do conhecimento cotidiano presente na vida cotidiana, tendo a cotidianidade, o senso comum e o saber popular, como formas distintas e constitutivas deste conhecimento.

Considerando ser o conhecimento cotidiano um dos saberes em relação aos quais o conhecimento escolar se constitui, foram analisados alguns dos trabalhos mais referenciados no âmbito educacional, que tratam sobre esses temas, o que nos permite destacar, ter esta pesquisa, cunho bibliográfico.

De acordo com Severino (2002), a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente, cuja vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço.

Assim, nossa maior intenção era compreender como o conhecimento cotidiano, apresenta-se na vida cotidiana, a partir de suas formas: a cotidianidade, o senso comum e o saber popular e quais as suas implicações.

Entendendo ser a vida cotidiana, a vida de todo homem, pois, todos a vivemos, sem nenhuma exceção, qualquer que seja nosso posto na divisão social do trabalho intelectual e físico. (Heller, 2004).

ALGUMAS REFLEXÕES

De acordo com Lopes (1999), o conhecimento cotidiano, como todos os demais saberes, faz parte da cultura e é construído pelos homens das gerações adultas, que o transmitem às gerações sucessivas, e dessa maneira, a escola é um dos canais institucionais dessa transmissão, por ter papel preponderante na constituição desse conhecimento, através de interações contínuas que permitem a elaboração de um *habitus* comum a todos os indivíduos.

Conseqüentemente, o conhecimento cotidiano é afirmado e negado pelo conhecimento escolar, pois, segundo a autora, o conhecimento escolar “trabalha contra ele e é sua própria constituição” (LOPES, 1999, p. 137).

Destaca ainda, que entre os pesquisadores em Currículo e Didática, ora o conhecimento cotidiano é entendido como um conhecimento a ser suplantado pelo conhecimento científico, o que faz desse, o conhecimento a ser valorizado na

escola; ora o conhecimento cotidiano das classes populares é situado como eixo central do processo de ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar, que cotidianidade, senso comum e saber popular, são formas, distintas, de conhecimento cotidiano, discutidas posteriormente, assim, utilizamos o termo conhecimento cotidiano, quando desejamos salientar seu caráter pragmático, sua relação com a vida diária de cada um de nós.

A Cotidianidade da Vida Cotidiana

Na vida cotidiana, nós, homens e mulheres, organizamos nossas ações e as repetimos diversas vezes ao longo do tempo. Tais ações, acabam por se tornarem automatizadas irrefletidamente, e dessa forma compomos nossa cotidianidade.

Na cotidianidade, o modo de viver é instintivo, não original. É um mundo de familiaridade e ações banais, não no sentido pejorativo, mas na absoluta necessidade de ser banal, em função da espontaneidade característica de nossas ações diárias (LOPES, 1999).

Para Heller (2004), a vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*, ou seja, do homem que na cotidianidade coloca todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade, colocando em funcionamento todos os seus sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.

Assim, “o homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçar-os em toda sua intensidade” (HELLER, 2004, p. 17-18). Ou seja, ao mesmo tempo em que somos inteiros, nossas potencialidades não se desenvolvem efetivamente, pois, o desenvolvimento de uma potencialidade, seu ápice, é que nos faz romper com a cotidianidade.

Nesse sentido, em acordo com a autora, é possível dizer que o indivíduo é sempre, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Particularidade esta, expressa não apenas no seu ser *isolado*, mas também no seu ser *individual*, em que o único e irredutível são fatos ontológicos fundamentais, que caracterizam essa particularidade social (ou socialmente mediatizada), que tem como dinâmica básica, a satisfação das necessidades humanas, ou melhor, das necessidades do *Eu*. Também o homem, enquanto indivíduo, é um ser genérico, pois é produto e expressão de suas relações sociais, herdeiro e preservador do desenvolvimento humano, presente em toda atividade que tenha caráter genérico, embora com motivos particulares.

Segundo Lopes (1999),

A extensão e a proporção entre o particular e o genérico variam de indivíduo para indivíduo, em função das relações sociais, das quais é parte integrante e atuante. Ainda que nasçamos assumindo como dadas e imutáveis as funções da vida cotidiana, uma imensa motivação pela atividade humano-genérica pode levar uma particularidade ao nível de genericidade. Por outro lado, ainda que nos concentremos totalmente em uma única questão e utilizemos toda nossa potencialidade individual na execução dessa questão, descartando todo o mais, não abandonamos a cotidianidade. Em algum momento não produtivo retornaremos a ela, inclusive como em estado de repouso da constante tensão do processo de afastamento da cotidianidade (LOPES, 1999, p.140).

Diante do exposto, nota-se que nunca abdicamos a cotidianidade, porém nos afastamos dela. Sobre esse processo de afastamento da cotidianidade, Heller (2004) chama de suspensão ou elevação. Tal processo se dá quando um projeto, um trabalho, uma obra, um ideal, uma paixão, permitem a concentração de uma potencialidade e o conseqüente desenvolvimento da essência humana, em que o homem deixa de ser o meramente singular e passa a desenvolver sua atividade humano-genérica.

Dito de outro modo, “é a passagem do homem inteiro (muda relação de sua particularidade e genericidade) para o inteiramente homem (unidade consciente do particular e do genérico)” (CARVALHO, 1994 *apud* LOPES, 1999, p. 140-141).

Com relação ao conhecimento cotidiano, destaca Lopes (1999) ser este, a soma de nossos conhecimentos sobre a realidade que utilizamos de um modo efetivo na vida cotidiana, sempre de modo heterogêneo, mas, que trata-se de um conhecimento essencialmente pragmático, cujo caráter de validade na esfera cotidiana é sua funcionalidade.

Assim, o conhecimento cotidiano não é estático, porém a forma como se processa a incorporação de conceitos científicos pela esfera da cotidianidade não é tão simples quanto pode parecer à primeira vista, pois, a linguagem cotidiana não dá conta de expressar outras realidades, que não na realidade da vida cotidiana.

Para a autora, a base do saber cotidiano, o que sustenta seu pragmatismo e funcionalidade, é o realismo e o empirismo,

consideradas filosofias incapazes de compreender a realidade em seu caráter complexo e múltiplo, justamente porque se detêm no aparente, no evidente e no imediato ou como afirma Kosik (1986 *apud* Lopes, 1999), na *pseudoconcreticidade*.

Outras características da vida cotidiana são apontadas por Heller (2004), como por exemplo, a espontaneidade, considerada a característica dominante da vida cotidiana. É evidente que nem toda atividade cotidiana é espontânea no mesmo nível, assim como tão pouco uma mesma atividade apresenta-se como identicamente espontânea em situações diversas, nos diversos estágios de aprendizado, mas, em todos os casos, a espontaneidade é a tendência de toda e qualquer forma de atividade cotidiana. A espontaneidade caracteriza tanto as motivações particulares (e as formas particulares de atividade) quanto as atividades humano-genéricas que nela têm lugar.

O pensamento cotidiano orienta-se para a realização de atividades cotidianas e, dessa maneira, é possível falar de unidade imediata de pensamento e ação na cotidianidade. Para Heller (2004), “as ideias necessárias à cotidianidade jamais se elevam ao plano da teoria, do mesmo modo como a atividade cotidiana não é práxis” (HELLER, 2004, p. 32).

Conforme a autora, a atividade prática do indivíduo só se eleva ao nível da práxis quando é atividade humano-genérica consciente, na unidade viva e muda de particularidade e genericidade. A unidade imediata de pensamento e ação implica na inexistência da diferença entre o *correto* e o *verdadeiro* na cotidianidade, ou seja, o correto também é verdadeiro e a atitude da vida cotidiana é absolutamente pragmática. Em síntese, a atitude da vida cotidiana é pragmática, caracterizando-se por um economicismo.

Nessa perspectiva, aponta Lopes (1999) que até mesmo os juízos e pensamentos objetivamente menos verdadeiros podem tornar-se corretos na atividade social, quando representarem os interesses da camada ou classe a que pertence o indivíduo e, desse modo, facilitarem a este, a orientação ou ação correspondente às exigências cotidianas da classe ou camada em questão.

Talvez por conta disso, a fé e a confiança desempenhem na vida cotidiana um papel muito mais importante que nas demais esferas da vida. Pois, “esses dois sentimentos ocupam mais espaço na cotidianidade, que sua função mediadora torna-se necessária em maior número de situações” (HELLER, 2004, p. 33).

Porém, vale lembrar, que a confiança é um afeto do indivíduo inteiro, logo, mais acessível à experiência, à moral e à teoria do que a fé, que se enraíza sempre no individual-particular. Assim, tendo em vista que o pensamento cotidiano é pragmático, é possível afirmar que cada uma de nossas atividades cotidianas faz-se acompanhar por uma certa fé ou uma certa confiança.

O característico do pensamento cotidiano é a ultrageneralização, seja em suas formas tradicionais, seja como consequência da experiência individual. Os juízos ultrageneralizadores são, todos eles, juízos provisórios que a prática confirma, ou pelo menos, não refuta durante o tempo em que, baseados neles, somos capazes de atuar e de nos orientar. Os juízos provisórios se enraízam na cotidianidade, e por isso, se baseiam na fé, são preconceituosos. Já as analogias, por meio das quais funciona, principalmente, o nosso conhecimento cotidiano, implica ser o juízo provisório analógico, inevitável no conhecimento cotidiano dos homens, mas, que está exposto ao perigo da cristalização.

Outra característica da vida cotidiana é a imitação. Como diz Heller (2004), “não há vida cotidiana sem imitação”. Jamais procedemos meramente segundo preceitos, mas imitamos os outros, sem mimese, nem o trabalho nem o intercâmbio seriam possíveis, mas, em vários momentos o problema consiste em saber se somos capazes de uma individualização, isto é, de escapar à mimese.

Segundo Heller (2004), se as características da vida cotidiana, aqui explícitas, se absolutizam, deparamo-nos diante da alienação da vida cotidiana, pois, a alienação é sempre alienação em face de alguma coisa e, mais precisamente, em face das possibilidades concretas de desenvolvimento genérico da humanidade.

Cabe ressaltar, que de todas as esferas da realidade, a vida cotidiana é aquela que mais se presta à alienação, onde por causa da coexistência muda de particularidade e genericidade, a atividade pode ser atividade humano-genérica não consciente, embora em suas motivações sejam efêmeras e particulares. Mas, a estrutura da vida cotidiana, embora constitua indiscutivelmente um terreno propício à alienação, não é de nenhum modo necessariamente alienada.

Portanto, todo homem pode ser completo, inclusive na cotidianidade, desde que se aproprie da realidade, e nela, imponha a marca da sua personalidade, conduza sua vida. Pois,

A condução da vida não pode se converter em possibilidade social universal, a não ser quando for abolida e superada a alienação, o que não ocorre pela via da consciência, mas pela mudança das relações de produção. Mas não é impossível empenhar-se na condução da vida, mesmo enquanto condições gerais econômico-sociais ainda favorecem a alienação. (LOPES, 1999, p. 147).

Dessa maneira, a ordenação da cotidianidade configura-se como um fenômeno não cotidiano, uma ação moral e

política.

O Senso Comum, o Saber Popular e a Vida Cotidiana

De acordo com Lopes (1999), o termo senso/conhecimento comum, utilizado para reforçar o caráter homogêneo do conhecimento de nossas vidas cotidianas, ou sua capacidade de se fazer universal, é definido como forma de expressão do saber popular, maneira de conceber e interpretar o mundo pelas camadas populares. E ainda, argumenta que o senso comum, a intuição popular e o discurso da vida de todos os dias dão suficiente conta do não lógico operante em nossas sociedades.

O senso comum possui caráter transclassista, o que faz tender a um grau de universalidade, isto é, suas concepções permeiam diferentes classes e grupos sociais, mantendo-se resistentes a mudanças. Assim, precisamos manter os saberes cotidianos nos limites possíveis de sua atuação, evitando a tendência de universalização de suas concepções, baseadas na experiência, na repetição, na naturalização dos fenômenos sociais e na familiaridade fetichizada.

Destaca Martins (1998), que o senso comum tem sido para a interpretação acadêmica: “ou apenas o conhecimento com que o homem comum defini a vida cotidiana, dando-lhe realidade, (...) ou apenas o conhecimento alienado da falsa consciência que separa o trabalhador do mundo que ele cria” (MARTINS, 1998, p. 3).

Para o autor, o senso comum é comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento, mas porque é conhecimento partilhado entre os sujeitos da relação social, num complexo movimento vai-e-vem de imaginação, interpretação, reformulação, reinterpretção, e assim sucessivamente.

Com relação aos saberes populares, é possível afirmar, em acordo com Lopes (1999), que estes são frutos da produção de significados das camadas populares da sociedade, ou seja, as classes dominadas do ponto de vista econômico e cultural. Dessa maneira, as práticas sociais cotidianas, a necessidade de desenvolver mecanismos de luta pela sobrevivência e os processos de resistência, constituem um conjunto de práticas formadoras de diferentes saberes.

E, tendo em vista que os saberes populares são saberes produzidos a partir de práticas sociais de grupos específicos, eles podem ser considerados um saber cotidiano do ponto de vista desse pequeno grupo, mas não são cotidianos do ponto de vista da sociedade como um todo, como ocorre com o senso comum.

De modo geral, os saberes populares não são um conhecimento necessário para que grupos específicos se orientem no mundo, ajam, sobrevivam, se comuniquem, o que constitui um senso comum geral, porém, são conhecimentos necessários pra que esse dado grupo viva melhor.

Outra característica dos saberes populares é que são “colocados à margem das instituições formais, fruto da situação de classe de quem os produz”, e além disso, são organizados por “microinstituições dispersas e distantes dos saberes que têm seu estatuto de cientificidade garantido pelos mecanismos de poder da sociedade”. (LOPES, 1999, p. 152).

Conforme Lopes (1999), enquanto o senso comum aponta para a universalidade e para a uniformidade, os saberes populares apontam para a especificidade e para a diversidade. Mas, apesar disto, o senso comum não nos permite afirmar ser única a sua existência. Como destaca Gramsci:

O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o ‘folclore’ da filosofia e, como folclore, apresenta-se em inumeráveis formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, adequada à posição social e cultural das multidões, das quais ele é filosofia. Quando na história se elabora um grupo social homogêneo, elabora-se também, contra o senso comum, uma filosofia homogênea, isto é, coerente e sistemática. (GRAMSCI, 1978 *apud* LOPES, 1999, p. 151).

Assim, podemos ter, ao mesmo tempo, em diferentes lugares, mais de um senso comum, porém, a tendência à universalidade permanece. Primeiro, porque o senso comum é a filosofia que atende às massas, uniformizando-as. Segundo, porque a própria interpretação do mundo gerada pelo senso comum é universalizante: tende a ser visto como uma filosofia totalizante, no sentido de uma totalidade fechada, capaz de dar respostas a todas as questões cotidianas, não se autoquestiona.

CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto, pode-se destacar que o presente estudo, tendo por objetivo compreender como o conhecimento cotidiano, apresenta-se na vida cotidiana, a partir de suas formas: a cotidianidade, o senso comum e o saber popular e quais as suas implicações, nos permite dizer, que o conhecimento cotidiano, caracterizado pela opinião e empirismo imediato, constitui-se pelos homens das gerações adultas, transmitindo-o a gerações sucessivas em grande medida, pela escola.

O conhecimento cotidiano compõe a cotidianidade quando automatizamos nossas ações, vista como mundo de familiaridade e ações banais, cujo modo de viver é instintivo e não original, e rompida pelo ápice de uma potencialidade. A espontaneidade, imitação e alienação são características marcantes da vida cotidiana, e bem sintetizadas Patto (1993) ao dizer que toda vida cotidiana é heterogênea e hierárquica (quanto ao conteúdo e à importância atribuída às atividades), espontânea (no sentido de que nela, as ações se dão automática e irrefletidamente), econômica (uma vez que o pensamento e a ação manifestam-se e funcionam somente quando indispensáveis à continuação da cotidianidade, portanto as ideias necessárias à cotidianidade jamais se elevam ao nível da teoria, assim como a ação cotidiana não é práxis), baseia-se em juízos provisórios, é probabilística e recorre a ultrageneralização e à imitação. Por último, com relação ao senso comum e ao saber popular, podemos frisar que o primeiro, define-se pela maneira de conceber e interpretar o mundo, em grande medida, pelas camadas populares, é misoneísta e conservador, e está relacionado a intuição popular e ao discurso da vida diária, tendendo a um caráter transclassista, a universalidade, a uniformidade, a homogeneização e a resistência a mudanças, enquanto o segundo, pode ser considerado como um saber cotidiano para um grupo específico, mas não cotidiano a sociedade como um todo, pois, apesar de fruto da produção de significados, apontam a especificidade e a diversidade.

REFERÊNCIAS

- HELLER, A. Estrutura da vida cotidiana. In HELLER, A. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2004.
- LOPES, A. C. Saberes em relação aos quais o conhecimento escolar se constitui: conhecimento científico; conhecimento cotidiano. In: LOPES, A. C. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- MARTINS, J. S. O senso comum e a vida cotidiana. **Tempo Social**; Revista de Sociologia. v. 10, n. 1, p. 1-8. São Paulo: USP, 1998.
- PATTO, M. H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas**. n. 16, p.119-141. SP: São Paulo, 1993.
- SEVERINO, J. A. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

[2] Essa superação dialética parcial ou total da particularidade, para a decolagem da cotidianidade e sua elevação ao humano-genérico é denominada por homogeneização. Isto é, significa por um lado, que concentramos toda nossa atenção sobre uma única questão e suspendemos qualquer outra atividade durante a execução desta tarefa, e por outro, que empregamos nossa inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa. (HELLER, 2004).

[3] Para Kosik (1986), “o complexo de fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera da vida humana, que, com a regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade”. (KOSIK, 1986 *apud* LOPES, 1999, p. 145).

[4] Com base em Lopes (1999), além das características aqui apresentadas, tomando como referência Agnes Heller, existem as características gramscianas do conhecimento popular, como a ambiguidade, fragmentariedade, heterogeneidade, acriticidade, imediatividade e dogmaticidade, que apresentam um paralelo com as, neste texto, analisadas.

[5] Consideramos existir alienação “quando ocorre um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção” (HELLER, 2004, p. 38).

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (NPGEICIMA) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

[2] Essa superação dialética parcial ou total da particularidade, para a decolagem da cotidianidade e sua elevação ao humano-genérico é denominada por homogeneização. Isto é, significa por um lado, que concentramos toda nossa atenção sobre uma única questão e suspendemos qualquer outra atividade durante a execução desta tarefa, e por outro, que empregamos nossa inteira individualidade humana na resolução dessa tarefa. (HELLER, 2004).

[3] Para Kosik (1986), “o complexo de fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera da vida humana, que,

com a regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade”. (KOSIK, 1986 *apud* LOPES, 1999, p. 145).

[4] Com base em Lopes (1999), além das características aqui apresentadas, tomando como referência Agnes Heller, existem as características gramscianas do conhecimento popular, como a ambiguidade, fragmentariedade, heterogeneidade, acriticidade, imediaticidade e dogmaticidade, que apresentam um paralelo com as, neste texto, analisadas.

[5] Consideramos existir alienação “quando ocorre um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção” (HELLER, 2004, p. 38).

Recebido em: 02/07/2015

Aprovado em: 03/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlot

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: